



5º Encontro Internacional de Política Social
12º Encontro Nacional de Política Social
Tema: "Restauração conservadora e novas resistências"
Vitória (ES, Brasil), 5 a 8 de junho de 2017

Eixo: Serviço social: fundamentos, formação e trabalho profissional.

Ensaio sobre o pensamento crítico na perspectiva da teoria Marxiana

Adriana Benedita Azevedo da Silva¹

Resumo: Este trabalho teve como objetivo trazer alguns comentários acerca do debate sobre o processo de construção do pensamento crítico a partir da dialética Marxiana. Para tanto, foi realizada uma abordagem sobre a constituição da razão moderna enfatizando a dialética como essencial para o conhecimento da realidade, assim como, o método dialético em Marx, onde foi discutido a relação subjetividade e objetividade e a relevância deste para a análise crítica da realidade. Para este estudo, utilizou-se as obras dos autores: Karl Marx, Kosik, Lukács, Coutinho, Guerra e Netto. Considera-se que a formulação teórico-metodológica de Marx seja relevante para o conhecimento do real, a partir do movimento do pensar.

Palavras-chave: Dialética; Pensamento; Objeto; Sujeito.

Essay on critical thinking in the perspective of Marxian theory

Abstract: This study aimed to bring some comments about the debate on the critical thinking process of building from the Marxian dialectic. Therefore, an approach to the establishment of modern reason emphasizing the dialectic as essential to the knowledge of reality was carried out, as well as the dialectical method in Marx, where it was discussed the relationship subjectivity and objectivity and the relevance of this to the critical analysis of reality. For this study, it were used the works of authors: Karl Marx, Kosik, Lukacs, Coutinho, Guerra e Netto. It is considered that the theoretical and methodological development of Marx is relevant to the knowledge of the real, from the movement of thought.

Keywords: Dialectics; Thought; Object; Subject.

1- Introdução

Marx, nas Teses contra Feuerbach traz a seguinte afirmação sobre a racionalidade humana, “a questão se cabe ao pensamento humano uma verdade objetiva não é teórica, mas prática. É na práxis que o homem deve demonstrar a verdade, a saber, a efetividade e o poder, a criteriosidade de seu pensamento” (MARX, 1978, p. 52).

Diante disso, compreende-se que a prática do pensamento humano se coloca no sentido de entender as objetivações colocadas na realidade, as quais, o homem só consegue chegar a partir do movimento do pensar, para tanto se faz necessário uma

¹ Assistente Social, Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social (PPGSS) da Universidade Federal do Pará. E-mail: <adriana100azevedo@hotmail.com>.

consciência crítica, emancipada e que se efetive na prática através de indagações sobre a realidade.

Partindo deste entendimento, este estudo objetiva traçar alguns comentários sobre a construção do pensamento crítico, enfatizando a dialética da teoria marxiana como um caminho para se entender a relação sujeito e objeto no movimento de construção do pensamento e reinterpretação do real. Para tanto, utilizou-se como embasamento teórico as obras dos autores Marx, Netto, Kosik, Coutinho, Guerra e Lukács.

Desta forma, este estudo está estruturado em três seções: a presente introdução, desenvolvimento e considerações finais. O desenvolvimento deste está dividido em duas sessões que discutem respectivamente, a razão moderna e a possibilidade de conhecimento do real, onde se faz uma abordagem da constituição da razão moderna enfatizando a dialética como essencial para o conhecimento da realidade; e o método dialético em Marx, onde se discute a relação subjetividade e objetividade humana, destacando a construção de um pensamento crítico, que permita reinterpretar idealmente a realidade. Entende-se que a formulação teórico-metodológica de Marx seja fundamental no processo de reinterpretação da realidade.

2- A razão moderna e a possibilidade de conhecimento do real

Pensar o movimento real implica em uma série de questões na busca de encontrar respostas que norteiem a apreensão da realidade. Esse debate acerca do movimento de apreensão do real tem sua abordagem a partir da racionalidade humana, tendo como base um longo processo histórico que foi se constituindo na passagem do feudalismo ao capitalismo e que segundo Netto (2004) culminou na chamada razão moderna.

A razão moderna segundo Netto (2004) se constituiu em um processo que se iniciou com o movimento do renascimento e culminou no iluminismo. Essa compreensão se coloca no sentido de que, antes desses movimentos a humanidade não era valorizada por sua capacidade de pensar, tudo era regido pelo teocentrismo e a orientação era dada pelo poder do rei e da igreja.

Ainda na idade média, esses dois movimentos colocam a possibilidade da capacidade do homem de pensar, de fazer uso da razão, a partir do questionamento do poder divino. Nessa perspectiva, segundo Netto (2004), a razão moderna vai se tratar de um processo que irá implicar ao mesmo tempo em recuperar a filosofia clássica, assim

como, romper com as constantes próprias imbricadas no resgate da reflexão medieval, ou seja, questionar a subordinação da filosofia à teologia. Desta forma, coloca em questão que o homem deveria ser livre para pensar, entretanto, essa liberdade ia de encontro ao teocentrismo, posto que indagava sobre os dogmas tidos como inquestionáveis.

Deste modo, entende-se que a razão moderna coloca sua centralidade no homem enquanto sujeito com capacidades e potencialidades que independem do poder divino, assim, fazendo uso da razão o homem tem a capacidade de manipular a natureza de acordo com seus interesses, se distinguindo, dessa forma, dos demais animais.

Essa liberdade de pensar na modernidade é tida como a dimensão emancipatória do homem, no entanto, segundo Netto (2004, p. 28), quando a burguesia começa a expressar sua luta contra o *Ancien Régime* e começa a impor os valores mais avançados e altos na sociedade, chegando no século XIX a alcançar seu projeto enquanto classe, a mesma se apropria desse projeto de emancipação humana, visando atender os seus interesses. Nessa perspectiva essa liberdade de pensamento colocada na modernidade foi subsumida pela nova ordem que se instaurava e o homem capturado por este novo regime acabou tendo uma falsa ideia de liberdade.

Netto (2004) enfatiza que a razão moderna em sua constituição foi um processo imbricado na profunda socialização da sociedade colocada principalmente com a ascensão da ordem burguesa, onde o desenvolvimento do capitalismo que produzindo os fenômenos da industrialização e urbanização, reclamavam saberes necessários para um maior controle da natureza, deste modo, se instaurou o patamar histórico-social onde se foi possível apreender a “especificidade” do ser social. Diz ainda que, para Marx foi somente na ordem burguesa que foi “[...] possível reconhecer na realidade a sociedade, com o homem podendo revelar-se ser social” (NETTO, 2004, p. 31).

Netto (2004) destaca ainda que, o processo de constituição da razão moderna se deu na intercorrência e síntese orgânica de três categorias, as quais constituem seu núcleo central: o humanismo, o historicismo concreto e a razão dialética.

Dentro dessa perspectiva, Coutinho (2010), resume essas três categorias, como sendo:

[...] o *humanismo*, a teoria de que o homem é um produto de sua própria atividade, de sua história coletiva; o *historicismo concreto*, ou seja, a afirmação do caráter ontologicamente histórico da realidade, com a conseqüente defesa do progresso e do melhoramento da espécie humana; e finalmente a *razão dialética*, em seu duplo aspecto, isto é, o de uma racionalidade objetiva imanente ao desenvolvimento da realidade (que se apresenta sob a forma de unidade dos contrários), e aquele das categorias capazes de apreender

subjetivamente essa racionalidade objetiva, categorias que se englobam, superando, as provenientes do ‘saber imediato’ (intuição) e do ‘entendimento’ (intelecto analítico) (COUTINHO, 2010, p.28).

É interessante enfatizar esse breve entendimento sobre essas três categorias e a importância destas para a constituição da razão moderna. Entretanto, importa ressaltar aqui a razão dialética, pois, o debate sobre o conhecimento, irá enfatizar a problemática da relação entre a subjetividade e a objetividade humana e as formas como esta relação é abordada, a partir da teoria de Marx.

Netto (2004, p.27) ressalta que, “[...] a razão dialética refere, simultaneamente, uma determinada racionalidade objetiva imanente ao processo da realidade e um sistema categorial capaz de reconstruir (ideal e subjetivamente) esta processualidade”. Deste modo, a razão dialética é colocada no sentido de conhecer a realidade construída pelos homens, de modo que se possa apreender suas objetividades e reinterpretá-las idealmente, através do pensamento.

Entretanto, com o avanço do capitalismo, interessava a ordem burguesa que o homem tivesse uma falsa ideia de liberdade, pois assim, não teria a capacidade de pensar de forma a apreender a realidade na sua forma objetiva. Diante disso Coutinho (2010, p. 37), parte do entendimento de que, com a evolução do capitalismo, “[...] a práxis humana tende a se objetivar contra os próprios homens, tende a se tornar uma objetividade alienada”. Nessa perspectiva, aponta que uma característica essencial do capitalismo “consiste em impor a completa sujeição da produção as leis anárquicas do mercado”, esse processo de mercantilização da práxis traz uma consequência sobre a consciência humana, ou seja, com isso há uma tendência da atividade dos homens em ocultar a própria consciência, ocultando a essência e dissimulando uma aparência que se mostra cada vez mais reificada (COUTINHO, 2010, p.37).

Coutinho (2010, p. 37) diz ainda que, “[...] todas as relações sociais entre os homens aparecem sob a forma de relações entre coisas, sob a aparência de realidades “naturais” estranhas e independentes da sua ação”.

Partindo desse entendimento, tem-se que, no capitalismo há uma coisificação das relações, a qual é tida como algo natural, essa coisificação conforme indica Coutinho (2010), esconde a essência da práxis humana, a qual se torna cada vez mais alheia ao homem, denotando uma aparente subjetividade.

Coutinho (2010) diz ainda que, a aparência e a essência são momentos que constituem a realidade na sua forma objetiva e entre estas pode existir uma contradição ou um certo antagonismo. Logo, representar cientificamente a realidade, assim como, atingir uma práxis ampla e eficaz, requer o estabelecimento de uma mediação dialética, onde, a aparência dissolvida na totalidade possa ser superada, revelando assim a essência.

É interessante frisar que, dentro da teoria marxiana uma das categorias fundamentais no processo de produção dialética para apreensão do real é a totalidade. Esta é entendida a partir da compreensão de que a realidade é uma totalidade concreta, constituída de elementos singulares, particulares e universais, onde através de uma reflexão crítica se é possível apreender os processos históricos de produção e reprodução da vida, dentro do movimento contraditório do real.

Diante disso, Marx (1978), expõe que:

[...] na medida em que a totalidade concreta, como totalidade de pensamentos, como um concreto de pensamentos, é de fato um produto do pensar, do conceber; não é de modo nenhum o produto do conceito que pensa separado e acima da intuição e representação, e que se engendra a si mesmo, mas da elaboração da intuição e da representação em conceitos (MARX, 1978, p. 117).

Compreende-se que Marx faz uma crítica às teorias que colocavam a intuição como caminho para a interpretação do real, pois para este pensador o real possui movimento vivo, o qual pode ser apreendido pelo pensamento em um processo complexo. Desta forma, sobre a totalidade como desveladora do concreto, através do processo de pensamento crítico, Lukács (1979) afirma que, Marx parte:

[...] da totalidade do ser, e busca apreendê-la em todas as suas intrincadas e múltiplas relações, no grau da máxima aproximação possível. Onde a totalidade não é um fato formal do pensamento, mas constitui a reprodução mental do realmente existente [...] (LUKÁCS, 1979, p.28).

Partindo desse pressuposto, Netto (2004) diz que, reconstruir idealmente a objetividade através da consciência humana se constitui em um árduo trabalho, onde, o homem tem a possibilidade de superar o imediato e conhecer o mundo do qual faz parte.

Sob essa perspectiva, a teoria marxiana aponta para a importância da construção de um conhecimento mais elaborado a respeito da racionalidade humana, tanto objetiva quanto subjetiva, de modo que se possa reconstruir a dinâmica do real. Para tanto, Netto (2011) afirma que, Marx em sua elaboração teórica partiu criticamente de um

conhecimento acumulado já existente, esta crítica consiste em trazer a racionalidade, os seus fundamentos, os seus condicionamentos e os seus limites, verificando os conteúdos desse conhecimento a partir de processos históricos reais.

Assim, Netto (2011) indica que, Marx a partir do conhecimento acumulado explorou as nuances da sociedade burguesa, objetivando descobrir a sua estrutura e dinâmica, assim como, as objetividades que tal sociedade comporta. Isso levou a um longo processo de elaboração teórica, iniciado na segunda metade dos anos de 1840, onde Marx foi desenvolvendo o método adequado para o conhecimento verdadeiro do real.

3- O método dialético em Marx: do conhecimento a reinterpretação ideal da realidade

Segundo Netto (2011), o método construído por Marx não foi resultado de operações repentinas, de intuições geniais nem tão pouco de inspirações iluminadas, mas sim, o produto de uma longa elaboração teórico-científica, a qual Marx foi amadurecendo no curso de sucessivas aproximações com seu objeto, ou seja, a sociedade burguesa.

Deste modo em sua formulação teórica, Marx (1978) considera criticamente o método da Economia Política, o qual centrava suas análises de modo a atender os interesses da ordem burguesa, e o toma como ponto de partida para a construção do seu próprio método. Marx percebeu nessa construção, que o que estava sugerido pelos economistas como possibilidade para conhecimento da realidade era falso, uma vez que, estes não buscavam identificar as determinações existentes nas diversas relações.

Sob essa perspectiva Marx (1996) enfatiza que, na medida em que a economia política atende aos interesses da ordem burguesa, ao invés de compreender o capitalismo como um estágio de evolução historicamente transitório, o entende como a configuração última e absoluta da produção social.

Se diferindo desta perspectiva, a análise de Marx considera o movimento social como um processo histórico que é regido por leis que não apenas independem da vontade, consciência e intenção dos homens, mas ao contrário, muito mais determinam a vontade e as intenções destes (MARX, 1996).

Assim, o método construído por Marx, segundo Netto (2011), não consiste em um conjunto de regras formais aplicadas a um objeto que foi recortado para determinada investigação, nem tão pouco, um conjunto de regras que o sujeito pesquisador escolhe,

segundo sua vontade para produzir o seu objeto de investigação. Implica, pois, em uma determinada perspectiva do pesquisador, a qual requer do mesmo uma relação com o objeto de modo a extrair dele as suas múltiplas determinações.

É evidente que nesse processo se faz necessário levar em consideração uma análise crítica a partir do pressuposto de Marx, buscando manter a conexão entre a elaboração teórica e a formulação metodológica (NETTO, 2011).

Assim, de acordo com Netto (2011):

Para Marx, a teoria é uma modalidade peculiar de conhecimento, [...] o conhecimento teórico é o conhecimento do objeto – de sua estrutura e dinâmica – tal como ele é em si mesmo, na sua existência real e efetiva, independente dos desejos das aspirações e das representações do pesquisador (NETTO, 2011, p. 20).

Deste modo, entende-se então que, a produção do conhecimento a partir das condições objetivas da vida social, é tida como resultado de uma série de relações complexas objetivadas pelos homens na dinâmica social.

Netto (2011) diz ainda que, para Marx a teoria é a reprodução ideal do movimento real do objeto pelo sujeito que pesquisa, ou seja, através da teoria o sujeito reproduz ou reconstrói a partir do pensamento a estrutura e dinâmica do objeto analisado em questão.

Nesse contexto, o método dialético em Marx aponta que a construção do conhecimento faz parte do desenvolvimento histórico do mundo dos homens, do intercâmbio da relação necessária entre o homem enquanto sujeito que pensa e o objeto estudado, ou seja, a realidade concreta. Desta forma, Marx (1978, p.117), enfatiza que “[...] o método que consiste em elevar-se do abstrato ao concreto não é senão a maneira de proceder do pensamento para se apropriar do concreto, para reproduzi-lo como concreto pensado”. É este movimento do pensamento que compreende o que Marx chama de movimento ideal do concreto pensado.

Deste modo, entender o fenômeno, buscando superar o imediato que se apresenta na realidade, partindo do plano ideal pressupõe necessariamente o movimento de apreensão da dialética, neste sentido para Marx (1996):

[...] a dialética [...] em sua configuração racional, é um incômodo e um horror para a burguesia e para os seus porta-vozes doutrinários, porque, no

entendimento positivo do existente, ela inclui ao mesmo tempo o entendimento da sua negação, da sua desaparecimento inevitável; porque apreende cada forma existente no fluxo do movimento, portanto também com seu lado transitório; porque não se deixa impressionar por nada e é, em sua essência, crítica e revolucionária (MARX, 1996, p.141).

A dialética incomoda precisamente porque seu movimento permite captar o que está por trás do imediato, ela permite ao sujeito desvendar a realidade na sua forma mais objetiva, demonstrando a contraditoriedade que se mostra no aparente e que conseqüentemente se esconde nos processos históricos da vida social.

Kosik (1976) entende que:

A dialética não atinge o pensamento de fora para dentro, nem de imediato, nem tampouco constitui uma de suas qualidades; o conhecimento é que é a própria dialética em uma das suas formas; o conhecimento é a decomposição do todo (KOSIK, 1976, p.14).

Nesta perspectiva, para se compreender a realidade, é necessário um esforço do pensamento em capturar do aparente as objetivações da vida material. Para tanto, essa compreensão parte da concepção de que a realidade reproduzida no plano ideal tem sua existência objetiva e não depende da consciência do sujeito que pesquisa, ou seja, o entendimento vem do que é exterior ao sujeito, a análise crítica parte do que está dado no real, diferentemente do que aponta a teoria hegeliana que parte da concepção de que o pensamento cria o real e o manifesta externamente (NETTO, 2011).

Por isso a afirmação de Marx (1996) quando diz que:

Por sua fundamentação, meu método dialético não só difere do hegeliano mas é também a sua antítese direta. Para Hegel, o processo de pensamento, que ele sob o nome de idéia, transforma num sujeito autônomo, é o demiurgo do real, real que constitui apenas a sua manifestação externa. Para mim, pelo contrário, o ideal não é nada mais que o material, transposto e traduzido na cabeça do homem (MARX, 1996, p. 140).

Coutinho (2010), parte da compreensão de que a limitação da apreensão da realidade, sem buscar a sua essência, serve ideologicamente aos interesses da burguesia, visto que, aceita o capitalismo como algo positivo e se sujeita aos limites impostos por este.

Deste modo, uma análise da realidade não pode ser limitada, o pesquisador deve sim, buscar a veracidade dos fatos, a essência do que está dado. Deste modo, Marx (1996) aponta que, “[...] a pesquisa tem de captar detalhadamente a matéria, analisar as suas

várias formas de evolução e rastrear sua conexão íntima. Só depois de concluído esse trabalho é que se pode expor adequadamente o movimento real” (MARX, 1996, p.139).

Sobre esse movimento de apreensão do real, Kosik (1976) entende que:

[...] a realidade não se apresenta aos homens, à primeira vista, sob o aspecto de um objeto que cumpre intuir, analisar e compreender teoricamente, cujo pólo oposto e complementar seja justamente o abstrato sujeito cognoscente, que existe fora do mundo e apartado do mundo; apresenta-se como o campo em que se exercita a sua atividade prática sensível, sobre cujo fundamento surgirá a imediata intuição prática da realidade (KOSIK, 1976, p. 10).

A realidade, a qual se constitui em objeto do sujeito, é previamente objetivada, no entanto, se mostra subjetivamente, por isso Netto (2011) enfatiza que o objetivo do pesquisador é justamente ir além do aparente, do fenômeno, do imediato para apreender a essência mesma do objeto.

O que para Kosik (1976) consiste em:

[...] captar o fenômeno de determinada coisa significa indagar e descrever como a coisa em si se manifesta naquele fenômeno, e como ao mesmo tempo nele se esconde. Compreender o fenômeno é atingir a essência. Sem o fenômeno, sem a sua manifestação e revelação a essência seria inatingível (KOSIK, 1976, p. 12).

Partindo dessa compreensão, para se chegar à realidade na sua forma concreta, é necessário entender que o fenômeno dado esconde muitas determinações, as quais desvelam de fato o caráter imediato do concreto e suas objetivações.

Desta forma, a realidade histórica e complexa se apresenta como uma síntese, a síntese de muitas determinações, conforme aponta o Método construído por Marx (1978):

O concreto é concreto porque é a síntese de muitas determinações, isto é, unidade do diverso. Por isso o concreto aparece no pensamento como o processo da síntese, como resultado, não como ponto de partida efetivo e, portanto, também da intuição e da representação (MARX, 1978, p.116).

Sob essa perspectiva, o concreto é, portanto, o pressuposto, o ponto de partida, para a construção do conhecimento, e ao mesmo tempo é o ponto de chegada porque, dadas suas determinações, no final do processo de conhecimento, é fundamental realizar

a síntese do próprio movimento do real, para que o plano ideal possa reinterpretar a realidade.

Segundo Netto (2011), conhecer o objeto na sua forma concreta, implica, pois conhecer as suas determinações e na medida em que se reproduzem as determinações de um objeto, mais o pensamento reproduz a riqueza do real. Diz o autor ainda que, o conhecimento do concreto opera necessariamente articulando universalidade, singularidade e particularidade, as quais constituem a totalidade que permite apreender os processos históricos.

Portanto, apreende-se que o real a partir da elaboração metodológica de Marx, pode ser tido como complexo porque resulta de múltiplas determinações, as quais estão imbricadas nos processos históricos que constituem as sociedades e para conhecer, desvelar o real, levando a transformação deste, faz-se necessário considerar a sua complexidade, o que requer uma consciência crítica acerca da realidade, ou seja, considerar a realidade não somente a partir do aparente, mas, buscar compreender os elementos que compõem a sua totalidade.

4- Conclusão

Considerar a construção teórica de Marx como fundamental para o conhecimento do real, a partir do movimento do pensar, implica, pois, levar em conta como esse processo se aplica na realidade, na busca de apreender como os processos históricos influenciam a dinâmica social e como o homem consegue responder as objetividades postas pela ordem do capital.

Nesse processo é importante compreender que para Marx, a teoria não se caracteriza pela redução sistemática das formas dadas de um determinado objeto que o pesquisador descreve detalhadamente, tendo por base hipóteses segundo critérios da tradição empirista/positivista. Mas, a teoria é, antes de tudo, “uma modalidade peculiar do conhecimento”, onde o conhecimento embasado em uma teoria implica no conhecimento do objeto, de sua estrutura e dinâmica (NETTO, 2011, p. 20).

Deste modo, para Marx o método dialético implica em uma determinada perspectiva do pesquisador de modo que este possa estabelecer uma relação com o objeto investigado, buscando extrair dele as suas múltiplas determinações (NETTO, 2011). É evidente que nesse contexto, o pesquisador irá se valer de uma série de instrumentais e

técnicas de pesquisa que irão dar o suporte necessário para o conhecimento verdadeiro da realidade.

Diante disso, é interessante enfatizar a prática profissional do assistente social, visto que, este atua diretamente nas contradições existentes na realidade comportadas pela sociedade burguesa. Desta forma, Guerra (2012) parte do pressuposto que:

[...] o exercício profissional do assistente social, recebendo as determinações históricas, estruturais e conjunturais da sociedade burguesa e respondendo a elas, consiste em uma totalidade de diversas dimensões que se autoimplicam, se autoexplicam e se determinam entre si. Tais dimensões, em razão da diversidade que as caracteriza, constituem-se “síntese de múltiplas determinações”, ou seja, caracterizam-se como unidade de elementos diversos, que conforma a riqueza e amplitude que caracteriza historicamente o modo de ser da profissão, que se realiza no cotidiano (GUERRA, 2012, p. 39).

Desta forma, entende-se que a orientação do profissional fundamentada numa teoria crítica possibilita a este uma análise mais profunda das diversas demandas, as quais se constituem em expressões da questão social e que chegam ao assistente social cotidianamente. E essa análise, só é possível a partir de uma mediação dialética dos fenômenos em questão, do contrário, a atuação profissional não ultrapassaria a imediatividade dos fenômenos, se constituindo em uma prática meramente operacional.

Portanto, apreende-se que o método dialético possibilita ultrapassar a imediatividade dos fenômenos e chegar a sua essência, num processo onde buscar as determinações dos processos históricos dados na realidade, requer uma consciência crítica para que se possa fazer a síntese das determinações, podendo assim, se aproximar cada vez mais da realidade na sua forma concreta e objetiva.

Referências

COUTINHO, Carlos Nelson. **O estruturalismo e a miséria da razão**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

GUERRA, Yolanda. A dimensão técnico-operativa do exercício profissional. In: **A dimensão técnico-operativa no Serviço Social: desafios contemporâneos**. Juíz de Fora: UFJF, 2012.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Tradução de Célia Neves e Alderico Toríbio. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LUKÁCS, Gyorgy. **Ontologia do ser social: os princípios ontológicos fundamentais de Marx**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.

MARX, Karl. **Manuscritos econômicos-filosóficos e outros textos escolhidos**. Seleção de textos de José Arthur Giannotti; traduções de José Carlos Bruni (et al.). 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARX, Karl. Posfácio da 2. edição. In: **O capital**: crítica da economia política. Livro I: O processo de produção do capital. Tradução de Régis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

NETTO, José Paulo. Razão, ontologia e práxis. **Revista Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, Ano 15, n. 44, 2004.